

A Sociedade do Espetáculo na Cobertura de Ataques às Escolas nas Mídias Digitais

Beatriz Miranda de Queiroz Cyrino¹
Fábio Henrique Ciquini (Orientador)²

Resumo

Este artigo abordará os recentes ataques em escolas e o modo como a cobertura jornalística desses eventos é feita nos diferentes veículos de comunicação brasileiros. O Brasil teve, pelo menos, 30 ataques violentos a escolas desde 2002 e mais da metade foram nos últimos quatro anos. Neste estudo, iremos observar a cobertura midiática, sobretudo nas mídias digitais, de ocorrências como essa. Como base teórica, utilizamos o livro "Showrnalismo", do jornalista José Arbex Jr. e no livro "A Sociedade do Espetáculo", do escritor francês Guy Debord. Espera-se dessa pesquisa promover uma reflexão sobre o consumo de alguns tipos de conteúdo e sobre como é feito o jornalismo no Brasil, especialmente quanto a esse tipo de assunto.

Palavras-chave: Cobertura Midiática; Sociedade do Espetáculo; Ataques em Escolas; Mídias Digitais.

Introdução

A crescente incidência de ataques violentos em escolas no Brasil tem gerado uma preocupação significativa, não apenas pela tragédia em si, mas também pela forma como esses eventos são abordados na mídia. Este artigo propõe uma análise aprofundada da cobertura jornalística desses ataques, com especial atenção para a espetacularização presente nos diferentes veículos de comunicação brasileiros, principalmente nas mídias digitais.

A dimensão desse fenômeno é alarmante, com dados indicando que o Brasil registrou 37 ataques a escolas desde o primeiro, em 2001, sendo mais da metade concentrada nos últimos quatro anos. Para contextualizar e embasar teoricamente esta pesquisa, este estudo tomou como referência as obras "Showrnalismo" (2001), do jornalista e escritor brasileiro José Arbex Jr., que discute a relação entre o jornalismo contemporâneo e o espetáculo, e "A Sociedade do Espetáculo" (1967), do escritor francês Guy

¹ Beatriz Miranda de Queiroz Cyrino é estudante do curso de Jornalismo e é pesquisadora do Centro Interdisciplinar de Pesquisa, CIP, da Faculdade Cásper Líbero. E-mail: bmiranda.cyrino@gmail.com

² Doutor em Ciências da Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Docente do curso de Relações Públicas. E-mail: fhciquini@casperlibero.edu.br

Debord, que oferece uma análise crítica sobre a sociedade mediática e a espetacularização das relações humanas.

O objetivo central desta pesquisa é observar e compreender a cobertura midiática, especialmente nas mídias digitais, dos recentes ataques em escolas no Brasil. A pesquisa buscou identificar padrões na abordagem jornalística, avaliar se existe, ou não, a presença de espetacularização e analisar o impacto dessas práticas na sociedade. Além disso, pretende-se promover uma reflexão crítica sobre o consumo de conteúdo relacionado a esses eventos e examinar como o jornalismo brasileiro lida com essa temática.

Os primeiros meses de 2023 apresentam uma alarmante escalada nos ataques a escolas, com destaque para um dos casos mais recentes no Colégio Estadual Professora Helena Kolody, em Cambé, no norte do Paraná. Essa realidade demanda uma análise aprofundada sobre como a mídia tem noticiado esses eventos e qual impacto isso pode ter na sociedade brasileira.

Ao longo deste estudo, exploraremos não apenas os fatos, mas também a construção midiática desses acontecimentos. Assim, visar na contribuição para um entendimento mais amplo e crítico do papel da mídia na contemporaneidade, especialmente quando se trata de eventos tão sensíveis e impactantes como os ataques às escolas.

Metodologia

Além das perspectivas teóricas dos dois autores utilizados para este trabalho, a condução desta pesquisa se baseará em uma análise detalhada de reportagens e matérias veiculadas em diferentes meios de comunicação digital que abordaram alguns dos ataques mais recentes às escolas. Nas reportagens da TV Globo, CNN, BBC, Brasil de Fato, Correio Braziliense, Folha de S.Paulo, Rede TV!, g1, Gazeta do Povo, UOL, Estadão, e Poder 360, serão considerados elementos como o uso de imagens, detalhamento dos eventos e a contextualização oferecida ao público.

A metodologia desta pesquisa também envolverá a comparação dessas práticas com as recomendações de especialistas, como as propostas pelo estudo da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), que traça um panorama abrangente dos ataques a escolas no Brasil. Essas recomendações incluem diretrizes específicas para a cobertura midiática desses eventos, visando reduzir o potencial efeito contágio e minimizar a propagação de informações que poderiam contribuir para a ocorrência de novos ataques.

Adicionalmente, será considerada a pesquisa realizada por Michael Jetter e Jay K. Walker, do Institute of Labor Economics (IZA), na Alemanha. A partir desse estudo, os pesquisadores foram capazes

de relatar, pela primeira vez, por que tantos ataques acontecem após o primeiro, chamado de “efeito contágio”.

Dessa maneira, a metodologia adotada nesta pesquisa visa oferecer uma compreensão abrangente da dinâmica entre a cobertura midiática, as recomendações de especialistas, as perspectivas teóricas e os resultados de pesquisa internacionais, contribuindo para uma análise crítica e informada sobre a influência da mídia na percepção e na ocorrência de ataques em escolas no Brasil.

Ataques às escolas no Brasil

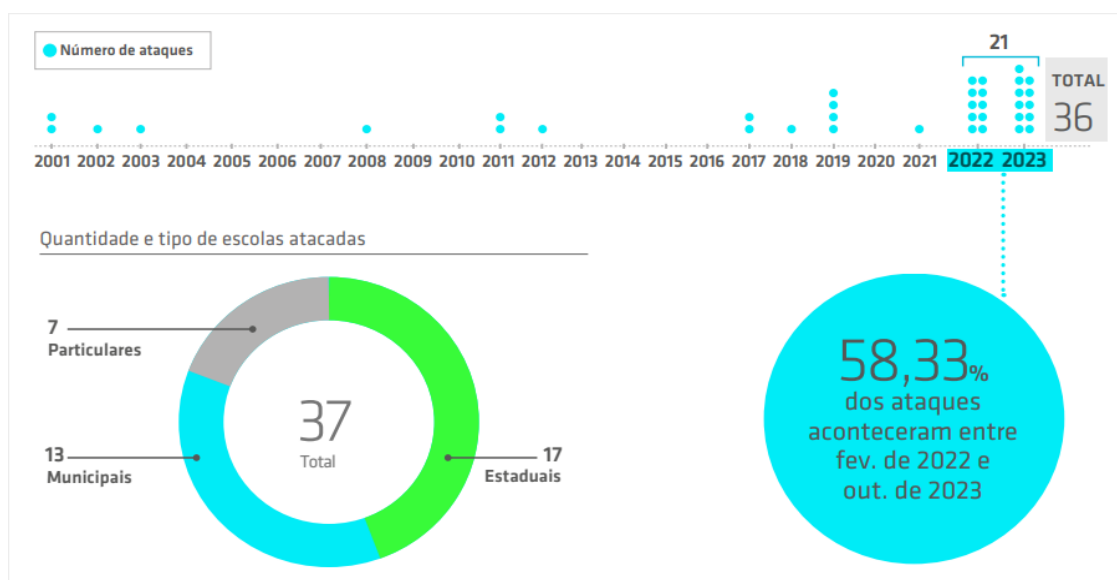
Os primeiros meses de 2023 o colocam como o ano que mais ocorreram ataques às escolas no Brasil. O último ataque do primeiro semestre deste ano aconteceu no Colégio Estadual Professora Helena Kolody, em Cambé, no norte do Paraná. O atentado ocorreu em uma segunda-feira, no dia 19 de junho, e resultou nas mortes de dois alunos. Segundo a Polícia Militar, o autor do ataque era um ex-aluno de 21 anos.

Na manhã da primeira quinta-feira de abril (5), Blumenau foi alvo de outro ataque. Um homem de 25 anos pulou o muro da creche Cantinho Bom Pastor e realizou um ataque à unidade de ensino particular. Durante a ação, quatro crianças com até sete anos de idade foram mortas.

Anteriormente, em São Paulo, o ataque na Escola Estadual (E.E.) Thomazia Montoro aconteceu no dia 27 de março, no bairro da Vila Sônia, na Zona Oeste da capital paulista. O atentado ocorreu dentro da sala de aula e contabilizou a morte da professora, além de outras quatro pessoas feridas. O agressor foi identificado como um aluno de 13 anos, que estudava no oitavo ano na escola.

O ano de 2023 foi marcado por inúmeros ataques de violência extrema em escolas de todo o Brasil. Até novembro, foram registrados 11 ataques a escolas cometidos por alunos e ex-alunos em diferentes regiões do Brasil, sendo quatro deles somente no estado de São Paulo. Um estudo da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)³ traça um panorama desses atos desde o primeiro, que aconteceu em 2001, em Macaúbas, na Bahia, até o último, em outubro de 2023.

Gráfico 1 – Quantidade de ataques por ano



Fonte: Relatório Ataques de violência extrema em escolas no Brasil: causas e caminhos (2023)

Nos últimos 23 anos, houve no Brasil pelo menos 37 ataques violentos a escolas, segundo o relatório de política educacional realizado pelo Grupo Ética, Diversidade e Democracia na Escola Pública do Instituto de Estudos Avançados da Unicamp (GEDDEP-IdEA) e pelo Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Moral (GEPEM) da Unesp/Unicamp. Ao todo, 40 pessoas morreram nesse período, sendo 29 estudantes, quatro professoras, uma coordenadora, uma inspetora e cinco atiradores (suicídios).

Com o ataque à Escola Estadual Sapopemba, em São Paulo, o último registrado, este documento, assinado pela coordenadora Telma Vinha e pelos outros pesquisadores da Unicamp e da Unesp, apontou que o Brasil teve, desde fevereiro de 2022, ou seja, em quase dois anos, ocorreram 21 desses ataques. Diante do alto número de ataques em um curto período de tempo, o recente crescimento desses eventos em escolas brasileiras tem levantado um debate sobre a reprodução de um cenário comum de massacres nos Estados Unidos.

Columbine (EUA, 1999)

Eric Harris, de 18 anos, e Dylan Klebold, 17, eram alunos do *senior year*, correspondente ao último ano do ensino médio no Brasil, na Columbine High School, em Colorado (EUA). Eles foram os responsáveis por um dos maiores atentados em escolas nos Estados Unidos, que ficaria conhecido como o Massacre de Columbine.

Ambos os alunos se consideravam marginalizados pelos colegas, se vestiam de preto e tinham influência neonazista. Segundo as investigações, a dupla sofria bullying e foi motivada por vingança. Os alvos principais dos dois foram representantes de minorias, como negros e hispânicos, e atletas, totalizando na morte de 12 colegas de classe e um professor. Outras 24 pessoas se feriram.

Ocorrido no dia 20 de abril de 1999, Columbine se tornou um caso emblemático e é considerado uma das inspirações para autores de outros ataques a tiros em escolas. O Massacre em Suzano, que aconteceu em março de 2019, deixou oito mortos e 11 feridos, e foi baseado, conforme apontou a investigação, em Columbine. Além da política armamentista, afrouxada no mesmo ano do ataque, há outras explicações para essa forte onda de casos levados por outros. A produção em massa de mídia sobre Columbine, que resultou em um fator de influência para outros ataques, é uma delas.

Também realizado por uma dupla, o cenário do evento em Suzano, as armas utilizadas e o suicídio final são similares ao tiroteio ocorrido na Columbine High School. O traje utilizado pelos atiradores sugere que eles possam ter sido influenciados pela série *American Horror Story* (2017), no episódio inspirado no Massacre de Columbine, interpretado pelo ator Evan Peters como o atirador. A ocorrência de ambos os casos também está ligada à motivação de vingança.

Até 2012, Columbine era considerada a maior tragédia em uma escola na história dos Estados Unidos. Esse ano, o ataque de Columbine completou 24 anos. O episódio ganhou atenção mundial por ter sido transmitido ao vivo pela televisão norte-americana e ainda inspirou dois filmes premiados do cinema americano: o documentário *Tiros em Columbine* (Michael Moore/2002) e *Elefante* (Gus Van Sant/2003).

A cobertura midiática de Columbine no Brasil não seguiu um caminho diferente e utilizou ainda as imagens do atentado disponibilizadas por agências internacionais. O programa Documento Verdade, da RedeTV!, relembrou o atentado em uma reportagem especial do marco de 20 anos do massacre, em 2019. Na ocasião, os repórteres utilizaram, principalmente, o excesso de detalhes e ordem dos eventos do atentado, como horário, locais específicos da escola onde aconteceram episódios de violência, imagens e histórico familiar dos responsáveis, métodos utilizados, além de vídeos explícitos do ocorrido. Videoreportagens como essa também foram exibidas por outros veículos de comunicação, como a TV Globo, em 1999, que utilizou as mesmas imagens fornecidas pela mídia estadunidense e jornalistas correspondentes no local.

Em eventos como o Massacre de Columbine e de Suzano, as imagens não são utilizadas à toa. Existe uma motivação por trás que Guy Debord, escritor e filósofo francês, descreve o conceito em “A Sociedade do Espetáculo” (1967) como “espetacularização” e que, posteriormente, seria utilizado pelo jornalista brasileiro José Arbex Jr., em “Showrnalismo” (2001), para explicar como o jornalismo é guiado pela renovação incessante de informação.

“O espetáculo – diz Debord – consiste na multiplicação de ícones e imagens, principalmente através dos meios de comunicação de massa, mas também dos rituais políticos, religiosos e hábitos de consumo, de tudo aquilo que falta à vida real do homem comum: celebridades, atores, políticos, personalidades, gurus, mensagens publicitárias – tudo transmite uma sensação de permanente aventura, felicidade, grandiosidade e ousadia.” (ARBEX, 2001)

Nos últimos anos, casos similares aos já mencionados tiveram essa repetição incessante de imagens cativantes ao público transmitidas na televisão brasileira, como o de Realengo (RJ), em abril de 2011, conhecido como o primeiro assassinato em massa em uma instituição de ensino brasileira. As imagens do Massacre de Realengo também foram espetacularizadas à medida em que repercutiu imediatamente no Brasil e no mundo, sobretudo por se tratar de uma ocorrência inédita no país. Com imagens aéreas ao vivo, a TV Globo cobriu o massacre na Escola Municipal Tasso da Silveira, tendo, inclusive, ancorado três telejornais direto de Realengo: Jornal Nacional, o Jornal da Globo, e o Bom Dia Brasil do dia seguinte. No total, foram exibidas sete edições do Globo Notícia sobre o assunto durante o dia. O telejornal também trouxe a repercussão internacional do massacre nos sites da BBC e do El País.

Por mais que atiradores já sejam propícios a realizar atos de violência como esses, a cobertura midiática realizada dos últimos ataques também está diretamente relacionada ao recente ciclo de violência nas escolas brasileiras. A espetacularização da mídia sobre esses ataques se inicia no detalhismo ao relatar casos como os de Blumenau, Vila Sônia e Cambé, o que também incita novos ataques, mas satisfaz a sede de um público por esse tipo de conteúdo.

Segundo Debord, “o espetáculo não exalta os homem ou suas armas, mas, as mercadorias e suas paixões.” Neste caso, o francês afirma que a busca incessante da sociedade por entretenimento faz do espetáculo uma mercadoria e que a vida das pessoas é entendida como um tempo para o consumo. Debord chama esse fenômeno de tempo pseudocíclico.

“Todo o tempo consumível da sociedade moderna acaba por vir a ser tratado como matéria-prima de novos produtos diversificados, que se impõem no mercado como empregos do tempo socialmente organizados”. (DEBORD, 1967)

Recentemente, com os últimos ataques às escolas, as coberturas midiáticas passaram a ter informações reduzidas e menos detalhes. Ou seja, menos espetacularizadas, o que difere do padrão jornalístico que estamos acostumados. Mas, qual é a causa dessa mudança?

Por que a cobertura da mídia tem mudado a abordagem?

Esse recente aumento de ataques às escolas no Brasil levantou um debate que há muito não era comentado. Os holofotes para essa discussão voltaram após o ataque realizado na Escola Estadual (E.E.) Thomazia Montoro, que trouxe à tona questões como a segurança dentro do ambiente escolar. No âmbito jornalístico, o principal debate se tornou o seguinte: como é e como deveria ser a cobertura midiática de crimes como esses?

Ao ver atos como esse recebendo atenção da mídia e da sociedade, agressores em potencial pensam que também terão uma autoimagem "gloriosa". Devido à atenção da mídia voltada a ataques em escolas, ao planejar um atentado, eles sabem também de que forma serão apresentados na imprensa e nas redes sociais. Por isso, ações como essas colocam em discussão como é feita a cobertura jornalística quanto aos ataques às escolas e o que pode ser feito para evitá-los. Os protocolos divulgados pelos especialistas da Unicamp recomendam evitar a exposição de vítimas e agressores, com a divulgação de imagens, vídeos ou conversas.

Essa recomendação tem o objetivo de impedir o efeito contágio, que faz com que cada novo atentado seja inspiração para outros. O estudo de 2018, realizado por dois pesquisadores, Michael Jetter e Jay K. Walker, do Institute of Labor Economics (IZA) da Alemanha, indicou que, após um ataque, as chances de uma nova ação violenta ocorrer nos dias subsequentes aumentam. O ataque em São Paulo ocorreu após menos de 10 dias que o de Blumenau. Segundo o relatório da Unicamp, a janela para potenciais imitadores é de, aproximadamente, 13 dias.

No início de abril, pouco tempo depois do caso na Vila Sônia, a CNN, Band, Grupo Globo e Canal Meio decidiram não divulgar nomes, fotos e vídeos dos acusados, de acordo com a Agência Brasil, que também adota esse sistema. Em contrapartida, a TV Record optou por divulgar o nome e a foto do assassino, tanto nos programas de TV quanto no site de notícias, o R7.

"Os veículos do grupo Globo tinham como política publicar apenas uma vez o nome e a foto de autores de massacres. Essa política muda hoje e será ainda mais restritiva. O nome e a imagem de autores de ataques jamais serão publicados, assim como vídeos das ações", afirmou o jornalista William Bonner durante a edição do Jornal Nacional em que noticiou a tragédia na creche.

A CNN, apesar de ter concordado com o protocolo, publicou, na notícia de 19 de junho sobre o ataque em Cambé, a arma utilizada pelo autor do ataque, o método utilizado para entrar no colégio e

informações sobre o estado de saúde das vítimas. Segundo boa parte dos pesquisadores, a mídia é o meio responsável pelo comportamento disseminado ou imitado, ainda que inadvertidamente. O impacto das redes sociais, contudo, ainda não é compreendido nesses trabalhos.

Por que a cobertura nas redes sociais tem ganhado proeminência em relação aos veículos tradicionais?

Uma pesquisa anual feita em 46 países pelo Instituto Reuters de Estudos de Jornalismo para o Digital News Report 2023 confirmou o poder das mídias sociais como fonte de notícias, incluindo no Brasil. O estudo apontou que 30% da amostra prefere o acesso à informações via redes, enquanto 22% pelos canais de imprensa, uma diferença de oito pontos percentuais contra cinco, em relação a 2022. Até 2020, o acesso aos aplicativos ou sites da mídia tradicional na internet sempre havia sido maior.

O Instituto Reuters ainda destaca que as gerações mais novas, ou seja, jovens de 18 a 24 anos, têm uma preferência maior por conteúdos mais divertidos e com mistura de áudio, vídeo e texto, que costumam circular em plataformas como o TikTok, Instagram, Youtube e Snapchat. O levantamento estabelece que o Facebook ainda é a rede social mais utilizada, mas que sua influência no jornalismo vem caindo. Agora, quando se trata de informação, a audiência se volta às celebridades, *influencers* e personalidades da mídia. Esse contraste também ocorre com o Twitter, onde os jornalistas ainda são peças centrais no divulgação de notícias e matérias.

Em “A Sociedade do Espetáculo”, Arbex utiliza a televisão como objeto principal de veiculação para causar o interesse exacerbado por informação, mas, a ideia de que a espetacularização ainda ocorre, somente em meios diferentes, prevalece.

“O que importa, nos atuais programas de telejornalismo, é o impacto da imagem, assim como o ritmo da sua transmissão. Como no videoclipe, uma sucessão de imagens é ‘costurada’ de maneira aparentemente aleatória, mas que em seu conjunto reforçam uma certa mensagem. No caso do videoclipe musical, as imagens servem para criar uma atmosfera propícia à fruição de determinada fantasia: romântica no caso de baladas, erótica no caso de muitas canções de rock pesado e assim por diante. No caso do telenoticiário, as imagens reiteram uma certa percepção do mundo (mulheres com véu no Islã, negros famintos na África, ‘bandidos’ negros etc.). O que se fixa, na memória do telespectador, são *flashes*.”
(ARBEX, 2001)

Os *flashes* de imagens, citados pelo autor, são comumente utilizados nas redes sociais por se tratar de pequenos vídeos que conseguem captar a atenção do espectador. Com a migração cada vez mais

significativa dos leitores de jornais para os portais e, por consequência, para esse meio, torna-se importante entender a busca de visibilidade e tráfego dos conteúdos que circulam e os motivos pela troca dos meios utilizados para a leitura de reportagens.

O jornalismo das redes sociais é uma nova forma, que, além do mesmo compromisso dos meios tradicionais com a sociedade, possui características únicas, como: baixo custo da informação, eliminação das barreiras físicas e geográficas, a capacidade de conter todos os outros meios dentro dele (a convergência de mídias gera uma informação multimídia), relacionamento com os profissionais da informação, bem como com a própria informação através de comentários e sugestões, podendo também produzir e disseminar os seus próprios conteúdos sem prescindir da mídia para publicar.

Porém, o que incide de fato na circulação dos conteúdos nas redes sociais? A regularidade de postagens, a presença de vídeos e o tamanho moderado dos conteúdos são algumas características que, de forma direta, relacionam-se com o processo de produção de conteúdo próprio para as redes sociais.

Ao contrário da maioria dos veículos tradicionais, que seguem uma grade de programação, no meio online não há um horário em que as notícias devem sair. A informação divulgada através das redes é rotativa e tem como vantagem principal estar disponível em tempo real. A razão pela qual nos acostumamos a uma alta rotatividade de notícias é a mesma pela qual o público vem trocando a maneira de obtenção de informações: o imediatismo em que a publicação e, junto dela, a atualização da informação é trazida em tempo real.

Para Arbex, a velocidade é cada vez mais importante para a atividade jornalística. O autor explica que a notícia é uma mercadoria, assim como diria Guy Debord, e torna-se antiga no momento da divulgação.

“Em um mundo em que a informação existe em abundância, para todos, tanto a rapidez como a eficácia na capacidade de obter uma informação exclusiva e na de disseminá-la adquiriram uma urgência dramática, acirrando ainda mais a competição entre os vários veículos de comunicação de massa. Ser mais rápido tornou-se uma demonstração de prestígio, de poder, financeiro e político. É por essa razão que toda a produção da mídia passa a ser orientada sob o signo da velocidade (não raro, da precipitação) e da renovação permanente.” (ARBEX, 2001)

A velocidade, enfatizada pelo jornalista, torna-se crucial no cenário midiático atual. A competição por obter e disseminar informações exclusivas em tempo real redefine a dinâmica da indústria da informação. A lógica das redes sociais, com sua ausência de uma grade de programação fixa, responde à necessidade de imediatismo do público contemporâneo, influenciando diretamente as estratégias de produção de conteúdo online.

Assim, a análise do Digital News Report 2023 e a reflexão sobre as palavras de Arbex convergem para a compreensão de um cenário midiático em constante transformação, onde a busca pela novidade,

aliada à velocidade e à adaptação às dinâmicas das redes sociais, molda a narrativa jornalística e influencia a forma como as notícias são consumidas e compartilhadas.

Considerações finais

Ao analisar a relação entre o aumento desses ataques e a exposição midiática, torna-se evidente a urgência de repensar a abordagem jornalística diante de situações tão sensíveis. O jornalismo desempenha uma função social de fazer com que informações relevantes circulem de forma massiva na sociedade. No entanto, quando a cobertura jornalística excede seu papel e não atua mais na construção da esfera pública, atua na criação de novos ataques às escolas.

Os gatilhos gerados pela cobertura midiática, conforme discutido pelo estudo da Unicamp, têm o potencial de influenciar agressores em potencial. A exposição excessiva de detalhes, imagens explícitas e informações sobre os agressores pode contribuir para a repetição desses eventos, alimentando uma narrativa que os torna "celebridades" momentâneas.

Diante desse cenário, a pergunta que se impõe é: qual o limite da notícia? Apesar de ainda não ser conclusiva, a resposta a essa indagação é uma questão ética e uma necessidade premente para evitar a propagação de atos violentos. Os pesquisadores da Unicamp apontam para a importância de restringir a exposição de vítimas e agressores, seguindo recomendações que visam evitar o efeito contágio e reduzir as chances de novos ataques nos dias subsequentes. Porém, com a migração significativa dos leitores de jornais para as redes sociais, a facilidade de difundir imagens intensifica a necessidade de compreender a busca por visibilidade e tráfego de conteúdos nessas plataformas. A lógica das redes sociais, com sua ênfase na velocidade e na constante renovação de informações, coloca desafios adicionais para o jornalismo, que precisa adaptar suas estratégias sem comprometer a responsabilidade social e ética.

A reflexão crítica sobre a cobertura midiática de ataques às escolas é essencial. As considerações aqui apresentadas destacam a importância de repensar a abordagem jornalística, estabelecer limites éticos e priorizar a função social da mídia na construção de uma sociedade informada, consciente e segura. O equilíbrio entre o direito à informação e a responsabilidade na divulgação torna-se crucial para mitigar os impactos negativos e, ao mesmo tempo, promover um debate público construtivo e esclarecedor.

Referências

AGÊNCIA BRASIL. Veículos de imprensa mudam política de cobertura de ataques a escolas. 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-04/veiculos-de-imprensa-mudam-politica-de-cobertura-de-ataques-escolas>.

ANDI - COMUNICAÇÃO E DIREITOS. Pontos de atenção e recomendações na cobertura de ataques a escolas. Fonte: Jeduca, 28 mar. 2023. Disponível em: <https://andi.org.br/2023/03/pontos-de-atencao-e-recomendacoes-na-cobertura-de-ataques-a-escolas/>.

BBC NEWS BRASIL. O que se sabe sobre ataque que matou 4 crianças em creche de Blumenau. 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cgln2de3nvvo>.

BBC NEWS BRASIL. Os dados que mostram explosão no número de ataques a escolas no Brasil. 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/ckryl4epnpeo>.

BERNARDO, André. Massacre de Realengo: os 10 anos do ataque a escola que deixou 12 mortos e chocou o Brasil. BBC Brasil, 6 abr. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-56657419>.

BRASIL DE FATO. 20 anos: Massacre de Columbine ainda é inspiração para atentados como o de Suzano. 2019. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/04/20/20-anos-massacre-de-columbine-ainda-e-inspiracao-para-atentados-como-o-de-suzano>.

BUKALOWSKI, Gabriel; TANAN, Kathulin. Jovem morta e rapaz atingido na cabeça por tiro em colégio do Paraná eram namorados, diz família. 19 jun. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/pr/norte-noroeste/noticia/2023/06/19/jovem-morta-e-rapaz-atingido-na-cabeca-por-tiro-em-colegio-do-parana-eram-namorados-diz-familia.ghtml>.

CAFARDO, Renata; LO RE, Ítalo; GOMES, Isabel. Ataques a escolas: como pais e alunos devem lidar com a divulgação de ameaças nas redes. Estadão, 12 abr. 2023. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/educacao/ataques-a-escolas-como-pais-e-alunos-devem-lidar-com-a-divulgacao-de-ameacas-nas-redes/>.

CHRISTENSEN, Jen. Entenda por que os Estados Unidos são o país com mais tiroteios em massa. CNN Brasil, 27 maio 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/entenda-por-que-os-estados-unidos-sao-o-pais-com-mais-tiroteios-em-massa/>.

CNN EN ESPAÑOL. De Columbine e Sandy Hook a Uvalde: os piores tiroteios em escolas nos EUA. 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/de-columbine-e-sandy-hook-a-uvalde-os-piores-tiroteios-em-escolas-nos-eua/>.

DRECHSEL, Denise; BARONE, Isabelle. Suzano e Columbine: o que os dois massacres em escolas têm em comum. Gazeta do Povo, 13 mar. 2019. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/suzano-e-columbine-o-que-os-dois-massacres-em-escolas-tem-em-comum-54mljuilxfksmtrodz3oxtm19/>.

JETTER, Michael; WALKER, Jay K. The Effect of Media Coverage on Mass Shootings. Outubro de 2018. Disponível em: <https://docs.iza.org/dp11900.pdf>.

LO RE, Ítalo. Por que ataques a escolas têm se repetido no Brasil? UOL, 26 nov. 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2022/11/26/por-que-ataques-a-escolas-tem-se-repetido-no-brasil.htm>.

MATTOS, Laura. Brasil teve 36 ataques a escolas em 22 anos; pós-pandemia concentra quase 60%. Folha de S.Paulo, 23 out. 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2023/10/brasil-teve-36-ataques-a-escolas-em-22-anos-pos-pandemia-concentra-quase-60.shtml>.

MATTOS, Laura. Imprensa brasileira debate e redefine cobertura de ataques para evitar efeito contágio. Folha de S.Paulo, 6 abr. 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/04/imprensa-brasileira-debate-e-redefine-cobertura-de-ataques-para-evitar-efeito-contagio.shtml>.

MEDIA TALKS. Pesquisa mostra poder das mídias sociais para acesso a notícias no mundo. 2023. Disponível em: <https://mediatalks.uol.com.br/2023/06/14/pesquisa-mostra-poder-das-midias-sociais-para-acesso-a-noticias-no-mundo/>.

MEMÓRIA GLOBO. Massacre de Columbine. 2021. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/massacre-de-columbine/noticia/massacre-de-columbine.ghtml>.

MORI, Letícia; LEMOS, Vinícius. A idolatria a autores de ataques a escolas que circula livremente em redes sociais. BBC News Brasil, 6 abr. 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cgr15664953o>.

NOGAROLI, Lorena. É preciso falar sobre massacres em escolas. Correio Braziliense, 28 abr. 2023. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/opiniao/2023/04/5090554-artigo-e-preciso-falar-sobre-massacres-em-escolas.html>.

SCHROEDER, Lucas; FIGUEIREDO, Carolina; BERNARDES, Vinícius. Ex-aluno dispara contra estudantes e deixa um morto em escola no PR, diz polícia. CNN Brasil, 19 jun. 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/ex-aluno-dispara-contra-estudantes-e-deixa-um-morto-em-escola-no-pr-diz-policia/>.

VELOSO, Natália; PIMENTEL, Juliana. Brasil teve 5 ataques com mortes em escolas em 2022 e 2023. Poder360, 5 abr. 2023. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/brasil/brasil-teve-5-ataques-com-mortes-em-escolas-em-2022-e-2023/>.

VINHA, Telma; GARCIA, Cléo (coords.); NUNES, Cesar Augusto Amaral; ZAMBIANCO, Danila Di Pietro; MELO, Simone Gomes de; LAHR, Talita Bueno Salati; PARENTE, Elvira Maria Portugal Pimentel R.; LEONARDO, Beatriz Fogarin; OLIVEIRA, Vitória Hellen Holanda. Ataques de violência extrema em escolas no Brasil: causas e caminhos. D³e – Dados para um Debate Democrático na Educação, com apoio da B3 Social e da Fundação José Luiz Egydio Setúbal, 2023. Disponível em: https://d3e.com.br/wp-content/uploads/relatorio_2311_ataques-escolas-brasil.pdf.